

# A FUNÇÃO FRATERNA NA ESCOLA E A ADOLESCÊNCIA

Dayana Coelho Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir do pensamento psicanalítico, o presente artigo tem por objetivo refletir sobre a função fraterna que opera nas relações entre adolescentes e no contexto escolar. O percurso metodológico correspondeu ao levantamento bibliográfico, observação em duas ocupações ocorridas no interior de São Paulo em 2015, além de contribuições de dois recortes de entrevista semiestruturada realizada com um jovem de vinte anos do gênero masculino, que participou de uma ocupação no interior paulista. Notou-se que a função fraterna operou de modo a ajudar o jovens a questionar o Outro e efetuar a transgressão com fins legitimados. Assim, ressalta-se a importância da escola e das relações com os pares para a constituição dos sujeitos e mudanças nos pactos civilizatórios.

## Introdução

O presente artigo tem por objetivo reflexão sobre a função fraterna que opera nas relações entre adolescentes e no contexto escolar. A função fraterna é um tema pouco investigado nas pesquisas psicanalíticas, de modo que se fazem necessários estudos sobre o assunto. Essa função, como demonstraremos ao longo deste trabalho, faz-se importante na constituição dos sujeitos além de ter relevância nas transformações dos pactos civilizatórios (KEHL, 2000).

## Psicanálise e o educar

A psicanálise foi definida como uma teoria, método de tratamento e de investigação. Em sua intensão inicial corresponde a uma experiência de fala em contexto de tratamento, mas também corresponde a uma prática, método, ética e também a um discurso. (DUNKER, PAULON E MILÁN-RAMOS, 2017).

O pensamento psicanalítico pressupõe que o inconsciente determina as ações dos sujeitos e influenciam também o ato de aprendizagem, isso implica compreendermos que há impossibilidade de controle nas relações que deve ser considerada. Desse modo, não é proposto um ideal educativo e sim condições de possibilidades para o educar (VOLTOLINI, 2011).

Para a psicanálise o processo educativo e processo civilizatório são tratados como sinônimos, há que se destacar que a inclusão do sujeito no mundo da linguagem supõe uma violência primordial, visto que se trata de um assujeitamento a uma ordem específica. Porém, isso não corresponde a uma adaptação a determinada ideologia de uma época ou ato de crueldade, corresponde a entrada no mundo humano, a um processo de hominização (VOLTOLINI, 2011).

Um conceito de extrema importância corresponde ao Outro que está relacionada a constituição dos sujeitos no que diz respeito as relações verticais. Laureano (2008) ensinou que Lacan o postulou para diferenciá-lo do outro semelhante (o pequeno outro), ocupa um lugar importante ao se pensar a alteridade. O Outro será aquele para quem o sujeito dirige seu desejo e para quem vai endereçar seu discursos.

Assim, o Outro é apresentado em letra maiúscula porque não se trata de um outro qualquer, mas sim deste que o ampara no desamparo fundamental e o mergulha no mundo simbólico. Porém, vale ressaltar que esse Outro também e deve ser barrado pela incompletude (ALBERTI, 2004).

---

<sup>1</sup> E-mail: [dayana.coelho@hotmail.com](mailto:dayana.coelho@hotmail.com).

Sobre esse lugar do Outro e a escola, Cohen (2004) contribuiu ao destacar que muitas crianças, diante das demandas da educação formal, buscam limites expressando condutas transgressoras na escola, oferecendo ao professor o *status* de representante parental.

Tendo isso em vista, Voltolini (2011) ressaltou que há algo do campo amoroso que se instala entre educando e educador, trata-se de um aspecto transferencial. Destacou que Freud (1914 *apud* VOLTOLINO, 2011) considerou esse aspecto mais decisivo no aprendizado dos alunos do que as disciplinas que ensina. A transferência é um processo inconsciente que faz com que dada pessoa funcione para nós de acordo com uma suposição que fazemos dela, mais do que por seus atos e discursos.

Outra diferenciação importante é a que existe entre o transmitir e ensinar, Voltolini (2011) se remeteu a origem da palavra como sendo *en-signar* que quer dizer pôr em signos de modo que exige uma intencionalidade consciente. Já transmitir indica algo que passamos para frente à nossa revelia, não há uma intenção consciente.

Assim, notamos a importância simbólica que o educador e a escola representam a um sujeito, esses lugares podem ou não favorecer o aprender além de ser possível transmitir algo que não ensinamos.

### **Adolescências e a função fraterna**

Ressalta-se que a adolescência não corresponde a uma etapa natural de desenvolvimento, mas a um trabalho desencadeado pela puberdade onde é necessária a elaboração da perda do corpo infantil, o encontro com o real da sexualidade, além da separação da autoridade parental (ALBERTI, 2004). É um convite ao trabalho de questionamento ao Outro.

Kehl (2000) valeu-se dos estudos freudianos e lacanianos para ressaltar os aspectos de rivalidade e intrusão dos irmãos, porém, essa rivalidade vai ocorrer dependendo do sujeito e do momento da vinda do irmão. Kehl (2000) destacou que, para Lacan, o irmão está relacionado a uma identificação mental do sujeito com o pequeno semelhante, para além da relação com o espelho, tendo uma importante função na constituição do eu.

Vale destacar que a função fraterna vai além de uma relação com os irmãos biológicos, trata-se de uma função ancorada nas relações horizontais com os pares, com o semelhante na fratria, que permite a cumplicidade para experimentar o proibido, uma possibilidade de se separar da autoridade parental com respaldo. É na circulação horizontal que se cria a possibilidade de desenvolvimento de traços identificatórios secundários (KEHL, 2000).

A relação de cumplicidade entre os adolescentes e a suas transgressões organizadas coletivamente em nome de uma causa legítima pode renovar o pacto civilizatório. Isso é necessário para as mudanças na cultura e não correspondem necessariamente a uma delinquência ou perversão (KEHL, 2000).

Nesse contexto o sujeito adolescente pode ampliar seus laços para além das relações familiares, constituir-se como sujeito e ser amparado em suas questões por um cúmplice que pode amenizar culpas pelos questionamentos. Além disso, é nas relações entre os pares que os jovens podem efetuar ações por mudanças nos pactos civilizatórios e nos aproximarmos de uma sociedade mais justa e igualitária.

Vale lembrar que o modo de gozo da atualidade está relacionado a lógica do consumo de objetos, medicamentos, substância psicoativa ou outro que pode entrar em um lugar de completude imaginária. Notamos os efeitos disso na forma de que alguns adolescentes fazem laço: roubando, fraudando, furtando dentre outros atos infracionais. Desse modo, o adolescente testemunha um mal-estar que diz respeito ao campo social, familiar e de seu corpo (BRIOLE, 1994).

## Aspectos metodológicos

O percurso metodológico envolveu pesquisa bibliográfica e mobilização dos conceitos em função do tema proposto, observação em duas ocupações ocorridas no interior de São Paulo 2015, além de contribuições de dois recortes de entrevista semiestruturada realizada com um jovem de vinte anos do gênero masculino que participou de uma ocupação no interior paulista.

A entrevista ocorreu na residência do jovem e durou aproximadamente 30 minutos, foi gravada e posteriormente transcrita. Foi efetuada a partir de um roteiro de perguntas previamente elaboradas que indagavam os motivos da participação na ocupação, como ela ocorreu e os impactos em sua vida futura.

Após reflexões a partir das observações nas escolas ocupadas e leituras, foram efetuadas escutas flutuantes da entrevista bem como leitura flutuante da transcrição, ou seja, escutar livremente sem preocupações com os conteúdos. Foram escolhidos dois recortes da entrevista com o jovem, onde foram identificados indícios da função fraterna operando e sua relação com o Outro.

## As ocupações nas escolas e a função fraterna

Inicialmente, faz-se importante contextualizar as ocupações estudantis. Gohn (2017) ressaltou que o projeto de reorganização das escolas em São Paulo/SP foi proposto pela OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) "Parceiros da Educação" que conta com a presença de diversos parceiros da iniciativa privada. A reorganização previa o fechamento de 92 escolas e reorganização de 754 (PIOLLI; PEREIRA; MESKO, 2016 *apud* GOHN, 2017).

Nesse contexto, adolescentes secundaristas efetuaram protestos usando as táticas de ocupações das escolas e manifestações nas ruas, com performances objetivando interagir com o público. A iniciativa dos estudantes deu origem a ocupação de mais de 200 escolas durante cerca de 60 dias (GOHN, 2017). Isso ocorreu entre o final de 2015 e início de 2016.

Castilho (2017) destacou que a ocupação foi a única saída que os alunos tiveram para serem reconhecidos pelas esferas públicas, eles denunciaram um projeto neoliberal que aborda a educação como um gasto e não investimento. A convergência de corpos para um mesmo espaço foi um elemento fundamental nas ocupações e causou perturbações na ordem que se inseriram. Mas, tiveram apoio das famílias, das comunidades e de professores, de modo que as ocupações promoveram um elo entre gerações.

Os adolescentes e seus corpos que ocuparam o espaço escolar, quebraram a lógica da submissão a um Outro familiar ou Institucional. As relações estabelecidas nas ocupações eram horizontais, onde circulavam as funções, sendo uma estratégia de pulverização do poder (CASTILHO, 2017)

Quando circulei em duas escolas ocupadas de municípios diferentes no interior de São Paulo/SP, notei um protagonismo dos adolescentes e os adultos estavam lá como apoiadores. Nessas observações, notei que as decisões eram realizadas em assembleias e havia equipes para cuidar de determinados assuntos (segurança, alimentação, etc).

Em uma das ocupações, notei que recebiam convidados externos que se ofereciam para executar oficinas e atividades culturais voltadas aos adolescentes e ao público externo, as programações das referidas atividades eram divulgadas diariamente.

Para melhor ilustrar as relações nas ocupações, serão apresentados dois recortes de entrevista com um jovem de vinte anos que participou de uma das ocupações em que fui observadora, na ocasião da ocupação ele tinha dezessete anos e cursava o último ano do ensino médio. Hoje está com vinte anos e cursando graduação na área de exatas.

### Recorte 1

*“Cheguei mais cedo e lá estava um pessoal que eu conhecia e estava uma bagunça lá fora por que já tinha sido ocupada, eu perguntei para um dos meus amigos o que estava acontecendo e então eles falaram, “a gente está ocupando a escola devido ao fechamento da reforma escolar do Geraldo Alckmin, ele está querendo fechar as escolas”, então eu falei: eu vou participar disso (risos).”*

Neste recorte notamos que a curiosidade sobre a *bagunça* que estava acontecendo foi endereçada para a relação horizontal com um par, um amigo. Situado o motivo da *bagunça* como um questionamento ao Outro social que quer fechar a escola, o jovem rapidamente deixou seu corpo ir junto ao grupo e compartilhou um ato de desobediência civil. A partir da relação com o semelhante, ele relativizou esse Outro social, assim como ensinou Kehl (2000), encarnado na figura do governador que *está querendo fechar as escolas* e ousou transgredir essa política de reorganização escolar por meio de um ato.

### Recorte 2

*“...estava havendo bagunça lá fora devido à pressão do diretor que estava querendo que os alunos saíssem e a gente deu a volta e entrou pelo outro lado na ocupação para poder ocupar a escola. Então a gente ocupou, eu decidi e abracei o movimento eu não era muito de movimento, mas eu decidi participar e eu achei interessante e foi isso.”*

Vemos que o ato de transgressão efetuado junto com os pares ofertou a cumplicidade necessária para se arriscar a fazer algo nunca feito: *eu não era muito de movimento*. Ele e os pares expressados pelo *a gente* contornaram a interdição colocada pelo diretor e juntos, arriscaram-se e convergiram seus corpos para o espaço da ocupação, assim como teorizou Castilho (2017) sobre as ocupações.

### Considerações finais

Por meio das observações e recortes apresentados e mobilizados juntamente com a literatura, notou-se que a função fraterna operou de modo a ajudar o jovens a questionar o Outro e efetuar a transgressão, uma ocupação na escola.

O referido ato de desobediência civil foi coletivamente efetuado e não correspondeu a uma delinquência porque parece ter sido legitimado pela comunidade e famílias que provavelmente compartilharam a indignação frente ao fechamento de escolas. Destaca-se que as ocupações também tiveram suas peculiaridades locais além da legitimidade não ter tido alcance total na opinião pública.

Portanto, ressalta-se a importância das funções fraternas e da escola para ofertar os laços com o semelhante, com o outro, para que os adolescentes se arrisquem e se constituam em seu trabalho de separação com a autoridade parental. Desse modo, entende-se que a escola possui extrema importância na constituição dos sujeitos ao ofertar ampliar as relações familiares e a função fraterna é de extrema importância para as mudanças nos pactos civilizatórios.

### Referências

ALBERTI, Sônia. *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRIOLE, Guy. A adolescência e adolescente: o impossível do desejo. Trad. Márcia Carvalho Lemos e Eucy Mello. *Agente: revista de Psicanálise*, Escola Brasileira de Psicanálise/Seção Bahia, Salvador, a. 1, n. 1, p. 9-26, jun./1994.

CASTILHO, Pedro Teixeira. Os nomes do laço social das adolescências na contemporaneidade: errância, sintoma e corpo. In: PEREIRA, Marcelo Ricardo (Org). *Os sintomas na educação hoje: o que fazemos com isso?* Belo Horizonte: Scriptum, 2017.

COHEN, Ruth Helena P. O traumático encontro com os outros da educação: a família, a escola e o Estado. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 10, n. 16, p. 256- 269, 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/2KKaS0c>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

GOHN, Maria da Glória. *Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade*. São Paulo: Cortez editora, 2017.

LAUREANO, Marcela Marjory Massolini. *A interpretação (revelar e esconder sentidos): articulações entre análise do discurso e psicanálise lacaniana*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, FFCLRP, USP, Ribeirão Preto, 2008.

KEHL, Maria Rita. Existe uma função fraterna? In: KEHL, Maria Rita (Org). *Função fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

VOLTOLINI, Rinaldo. *Educação e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.